

SOB O SIGNO DA SERPENTE: a narrativa em viagem do Guesa Sousândrade

ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Palavras-chave: cânone; performance; narrativa; pós-modernidade.

**UNDER THE SIGN OF THE SERPENT:
the traveling narrative of the Guesa Sousandrade**

Key-words: cânon; performance; narrative; post-modernism.

SOUZA, Ana Santana. **A nação guesa de Sousândrade:** uma narrativa em viagem. São Luis: AML/EDUEMA/FSADU, 2008.

Ana Santana Souza, professora do Curso de Letras da UnP, lançou, em São Luis do Maranhão e em Natal, o livro **A Nação Guesa de Sousândrade: uma narrativa em viagem**. Fruto da tese de doutorado apresentada em 2006 ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o livro foi publicado, em São Luís do Maranhão, pela Fundação Sousândrade e pela Academia Maranhense de Letras. A obra analisada foi escrita por Joaquim de Sousa Andrade, maranhense, nascido em 1832, cuja herança paterna lhe permitiu empreender diversas viagens pela Europa e pelas Américas. Escrita ao longo de 30 anos (1854-1884) e publicada de forma fragmentada, no Brasil e nos Estados Unidos, **O Guesa** só veio integralmente a público em 2003. A obra, inserida cronologicamente no romantismo, apresenta uma modernidade tal que contribuiu para que ela ficasse à margem do cânone literário. E Sousândrade tinha disso ciência, pois escrevia “Ouvi dizer já por duas vezes que **O Guesa errante** será lido 50 anos depois.”. Passados 50 anos, a obra continuava

encoberta pelo véu do esquecimento e, só nos anos de 1960, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos a puseram em circulação.

O Guesa constitui um desafio a que poucos intelectuais se atrevem, pois a sua leitura demanda erudição e paciência. Não faltam a Ana Santana, no entanto, a erudição e o cuidado na análise de sua estrutura e de sua linguagem.

Certamente, pela posição do texto e do poeta na literatura, Ana não poderia partir para sua análise sem antes refletir sobre a formação do cânone. Constituindo essa revisão num questionamento sobre os paradigmas que constituíram o cânone literário brasileiro desde a visão de críticos contemporâneos ao poeta até os novos conceitos introduzidos pelos Estudos Culturais, que repensam o cânone a partir do olhar sobre a produção das minorias, ou melhor dizendo, considerando a alteridade, descentralizando o olhar.

Para a compreensão da alteridade e da descentralização de Sousândrade, há o obstáculo da linguagem. Em seu poema, cria-se uma nova linguagem mítico-poética da qual emergem neologismos, hibridismos, estrangeirismos. Para onde convergem e misturam-se as línguas do velho e do novo mundo. Considere-se o exemplo do Canto X:

(Dois renegados, católico, protestante:)
- Confiteor, Beecherô...l´Épouse
Néut jamais dáussi faux autel!
- Confiteor... Hyacinth1
Absinth,
Plymouth was barroom, was bordel!

Não há como evitar o *estranhamento* ao nos depararmos com essa linguagem híbrida, em que latim, francês, português e inglês convivem de forma polifônica, gerando discursos fragmentados e plurissignificativos. O conceito de estranhamento, configurado pelos formalistas russos, ampara um primeiro contato do leitor com o texto de Sousândrade e também funciona, paradoxalmente à teoria que o construiu, para uma leitura biográfica, posto que o autor também levou sua vida sob o signo da errância, compreendendo-se como estrangeiro em sua própria terra.

O viés da errância é reconhecido a partir da imagem da serpente e de seu rastro sinuoso sobre o chão da América. Quetzalcoatl boiúna, a serpente, está presente na mitologia sul-americana desde os Andes até a costa insular de São Luís do Maranhão. “Associada ao fogo ou à sombra”, sob um signo bíblico ou

folclórico, lembra Ana Santana, “a serpente apresenta um complexo de arquétipos. Reúne o masculino e o feminino, o diurno e o noturno, a vida e a morte” (p. 20). A serpente é a metáfora que guia não só o percurso do próprio Guesa, em sua viagem de descoberta de si próprio e de uma nação desterritorializada, mas a pesquisadora que, seguindo os seus rastros mágicos, atravessa novo e velho mundos em busca dos sentidos dessa errância através dos 13 cantos do poema.

Partindo de uma revisão bibliográfica dos poucos trabalhos publicados sobre Sousândrade, Ana Santana Souza empreende uma requintada seleção teórica, que lhe serve de “chaves de leitura”. O conceito de *performance* é a chave-mestra usada para “demonstrar como Sousândrade, numa visão bem contemporânea às narrativas da nação moderna do século XX, elabora uma performance alegórica na forma de serpente animal-totem e mitológico”. Considerando que “a performance sousandradina está no uso que o poeta faz da cultura das Américas”, a pesquisadora demonstra como o poeta revira ao avesso o nacionalismo romântico, aponta a diversidade como marca propulsora de uma nação sem pátria, apregoa a diversidade e a diferença como marcas da construção dessa recém-nascida pátria. Para ela, “A multiterritorialidade americana em O Guesa é fundada no agenciamento de ruínas realizado pela *performance* da serpente emplumada” (p.29).

Para compreender esse “agenciamento de ruínas”, ou dos fragmentos de nação, de linguagens, de mitos, do poema sousandradino, Ana Santana opta pelo conceito de alegoria, amparada na visão dialética de Walter Benjamin, que encara a alegoria como uma categoria crítica fundamental para a compreensão dos fenômenos estéticos. Para ele, o artista alegorista monta a sua obra a partir de fragmentos pessoais, sociais e ficcionais. Na ótica da pesquisadora, a obra épico-lírica de Sousândrade constrói uma nação a partir dos fragmentos extraídos de uma América mestiça, “reunião dos escombros da história, dos sonhos e dos desejos do poeta” (p.30).

Em busca da assinatura *performance* do poeta, Ana percorre o suna do Guesa poeta, percorrendo os labirintos de sua solidão, em uma reconstituição de sua biografia que se constitui, verdadeiramente, em uma cartografia não só dos périplos do próprio poeta, mas do poema, posto que construído a partir da errância de seu autor. Nessa reconstituição dos caminhos da serpente, Ana descobre os fragmentos e as ruínas biográficas que ajudam a compreender a própria estrutura do Guesa: as datas enigmáticas que sugerem uma

temporalidade aos cantos; as múltiplas assinaturas do poeta, sua metamorfose em personagens que compõem substratos da cultura americana, seu retorno à nação materna, princípio do fim de sua viagem, retrato de sua solidão:

Filha eterna dos céus! Oh! Ninguém queira
Saber o quanto pode ter passado
Um mudo coração que chega ao estado
Solitário, em que estou nesta ribeira!
“Eu não conheço as afeições queridas
Da família e do lar: as minhas mágoas
Qual os sons destes rios, destas fráguas
Neste silêncio morrem, vão perdidas,
“Sem a tão doce inclinação que leva,
Qual a veia dos vales, dos ouvidos
O puro mel de lábios conhecidos –
A noite eu sou, consumo a minha treva.
(Canto I, p. 12,12)

Esse hibridismo de que se constitui o poema, descobre a pesquisadora, da mesma forma que impede sua leitura sob o viés de uma só linguagem, de uma só cultura, impede também sua compreensão a partir de um só gênero. O Guesa é um poema lírico, épico, dramático, biográfico. Constróem-se, nele, personas de heróis e de anti-heróis, falam, através dele, não só os colonizadores das diversas nações americanas, mas a voz das minorias como mulheres, e indígenas. Por isso, a voz épica que emerge dessa narrativa em viagem é uma voz em constante diálogo.

Na constituição dessa cartografia, Ana Santana se debruça ainda sobre as plumas de Coatl, Guesa-serpente, para descobrir sua visão, sentido mais apurado sobre a paisagem da América. Uma paisagem que não é formada apenas de rios, montes e cidades, mas de mitos indígenas, judaico-cristãos, greco-latinos. Por isso sua viagem cruza os Andes latinos, seus versos atravessam os paraísos artificiais de sonhos do ópio e do haxixe, se embrenha no Inferno da civilização novaiorquina. No dizer de Ana, “o poeta, como um bêbado, não deterá seu olhar em lugar fixo. Embriagada e embriagante, sua narrativa errará pelos mais diferentes tempos e lugares, do bíblico ao contemporâneo, dos presídios às casas das personalidades mais importantes” (p. 137).

Sob esse olhar bêbado e errático, o poeta constrói a sua performance de criação de uma nova nação. Sobre essa nova nação, Ana Santana finaliza a sua leitura d’ O Guesa: compreendendo-a como “performance desencobridora”, posto

660

que alegoria, posto que profana, posto que híbrida, mestiça, crioula. Ana explica: “Não se trata de uma narrativa da nação mais real do que a anterior. Não se trata da história “verdadeira”. O que se tem é uma outra versão da história constituída na emergência dos discursos das chamadas minorias.”(p. 177) e finaliza: “O descobrimento da América se dá nessa terceira margem em que a nação é narrada como disseminação. No entre-lugar conflituoso, porém rico, do encontro de culturas.” (p.221)

Ler o Guesa é descobrir conceitos e descobrir novas identidades para uma nação que se constitui para além da linguagem, por isso híbrida e multicultural. Para uma nação que se constitui para além das fronteiras geográficas, por isso desterritorializada. Para uma nação que se constitui para além do tempo em que foi gerada, por isso pós-moderna. Ler a leitura que Ana Santana fez do Guesa, é compreender tudo isso.